

GULA: QUANDO O PRESENTE DE DEUS SE TORNA UM DEUS

Ministrante: Ev. Blagoi Macaraze · Data: 29/07 (quarta) · Duração: ≈ 50 min

Base bíblica e teológica: Gênesis, Números, Deuterônimo, Provérbios, Mateus, João, 1 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Timóteo, Hebreus; Yago Martins, Pecados Aceitáveis (cap. Gula)

1. Abertura

Já falamos do atraso e do orgulho. Hoje falamos de um pecado de que quase ninguém tem vergonha: a gula. Ninguém é disciplinado na igreja por repetir o prato três vezes; brincamos com isso, publicamos fotos e até contamos como uma vitória. E, no entanto, durante séculos a igreja tratou a gula como um pecado sério, porque ela mostra o que acontece quando um desejo passa a mandar em nós.

Antes de começar, uma nota importante: a gula não se mede pelo tamanho do corpo de ninguém. Há pessoas magras que são escravas do paladar e pessoas com mais peso que comem com sobriedade. Hoje não vamos olhar para o corpo dos outros, mas para o nosso próprio coração à mesa.

2. Texto-base

Leitura: Filipenses 3.18-19

«Muitos andam como inimigos da cruz de Cristo. O seu fim é a perdição; o seu deus é o ventre, e a sua glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas.»

Paulo fala de pessoas cujo «deus é o ventre». Não está a falar de quem gosta de comer, mas de quem vive em função do apetite: o prazer da comida ocupou o lugar que pertence a Deus. E repare: diz que se gloriam naquilo que devia envergonhá-los.

A comida é um presente de Deus. A gula acontece quando esse presente se torna um deus. O problema nunca está no prato; está no trono do coração.

3. Corpo: quatro faces da gula

① O desejo que manda: a gula do excesso

Texto: Provérbios 23.1-3, 20-21 · Gálatas 5.19-21

«Não estejas entre os bebedores de vinho, nem entre os comilões de carne. Porque o bebedor e o comilão empobreceirão.»

A forma mais conhecida da gula é o excesso: comer muito além da necessidade, comer já a pensar no próximo prato, ficar sempre com o maior pedaço. Provérbios coloca o comilão ao lado do bebedor. Não produzem o mesmo efeito no corpo, mas mostram o mesmo problema no coração: um desejo sem freio.

Paulo inclui as «glutonarias» na lista das obras da carne, ao lado da idolatria e da inveja. Isso significa que aquilo que pomos no prato pode revelar se é o Espírito ou a carne que está a governar. E o oposto da gula é precisamente uma parte do fruto do Espírito: o domínio próprio.

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Comer até passar mal e achar graça

- Encher o prato antes de os outros se servirem
- Não conseguir dizer «não» a mais uma porção, mesmo sem fome

Pergunta para reflexão: *Em que momento do meu dia a comida manda mais em mim do que eu nela?*

② A gula disfarçada: o paladar exigente

Texto: Provérbios 23.3 · Números 11.4-6

«Não cobices os seus manjares gostosos, porque é pão enganoso.»

Há uma gula que não aparece no tamanho do prato, mas na exigência. É a pessoa que come pouco, mas nada está nunca bem feito: o chá não está no ponto, a carne não está como devia, a comida de casa nunca é suficiente. Gasta-se tempo, dinheiro e paciência dos outros para agradar a um paladar cada vez mais difícil.

O povo de Israel tinha o maná, alimento dado diretamente por Deus, e mesmo assim chorava pelos peixes, pepinos e cebolas do Egito. O problema não era a fome, era o descontentamento. A alma humana tem muito jeito para chamar «bom gosto» a um pecado.

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Reclamar da comida que outros prepararam com carinho
- Gastar com comida o que não se tem, só para ter «o melhor»
- Não conseguir agradecer a refeição simples que Deus deu

Pergunta para reflexão: *Sou grato pela comida que tenho, ou estou sempre a reclamar daquilo que não tenho?*

③ A gula como idolatria e falta de amor

Texto: Números 11.31-34 · 1 Coríntios 11.20-22

«Cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome e outro embriaga-se.»

No deserto, o povo apanhou codornizes durante um dia e meio, muito mais do que alguém podia comer, e o lugar ficou conhecido como «sepulcros da cobiça». Deus tinha enviado a carne, mas eles transformaram a bênção de Deus num substituto de Deus.

Em Corinto, a gula aparecia na própria igreja: nas refeições comunitárias, uns comiam e bebiam à vontade, enquanto outros ficavam com fome. Paulo diz que isso é desprezar a igreja de Deus. A gula nunca é só um problema entre mim e o prato; afeta também o meu próximo. Quem come para si sem pensar nos outros está a falhar no amor.

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Numa festa ou num convívio da igreja, servir-se como se não houvesse mais ninguém
- Usar a comida para fugir da tristeza ou da ansiedade, em vez de ir a Deus
- Ter sempre dinheiro para comer fora, mas nunca para ajudar quem tem fome

Pergunta para reflexão: *A comida tem sido para mim um refúgio que devia ser ocupado por Deus?*

④ O pecado que entrou pela boca

Texto: Gênesis 3.6 · Hebreus 12.16-17

«Para que ninguém seja profano como Esaú, que, por uma refeição, vendeu o seu direito de primogenitura.»

O primeiro pecado da humanidade entrou pela boca. Adão e Eva podiam comer de todas as árvores do jardim, mas desejaram precisamente o único fruto proibido. É o retrato da gula: já temos o suficiente, mas queremos mais, mesmo onde Deus disse não.

Esaú, cansado e com fome, trocou o direito de primogenitura por um prato de comida. Hebreus chama-lhe profano: trocou algo eterno por uma satisfação de minutos. Quantas vezes nós trocamos a oração, o jejum, a comunhão ou o culto por um prazer imediato que passa logo?

Como isto aparece no nosso dia a dia:

- Nunca conseguir jejuar, nem por uma refeição
- Trocar um culto ou uma célula por um almoço ou uma festa
- Decidir com o estômago coisas que deviam ser decididas em oração

Pergunta para reflexão: *O que é que já troquei, como Esaú, por um prazer imediato?*

4. O antídoto: comer para a glória de Deus

Texto: 1 Coríntios 10.31 · 1 Timóteo 4.4-5 · João 6.35

«Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus.»

A resposta à gula não é odiar a comida. Jesus comia e bebia, ia a festas e fez o seu primeiro milagre num casamento. Paulo diz que tudo o que Deus criou é bom, se for recebido com ações de graças. O abuso não anula o uso: Deus quer que comamos com alegria e gratidão.

A cura começa quando voltamos a receber cada refeição como um presente, agradecendo a Deus de verdade e não por hábito. Continua quando aprendemos a parar, a partilhar e, de vez em quando, a jejuar, para lembrar ao corpo que não é ele quem manda. E completa-se em Jesus, que disse: «Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome.» Só Ele satisfaz a fome que nenhuma comida consegue encher.

5. Conclusão e apelo

A gula parece um pecado pequeno e até simpático, mas mostra quem governa o nosso coração. A boa notícia é que o mesmo Espírito que produz em nós o domínio próprio está disponível a todos os que estão em Cristo.

Vamos terminar em oração. Peça a Deus que lhe mostre como tem sido a sua relação com a comida. Agradeça-Lhe pelo pão de cada dia e peça ajuda para comer com gratidão, com moderação e com amor pelo próximo. Se o Espírito Santo o orientar, marque esta semana uma refeição para jejuar e orar.